



Ilustração Portuguesa

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 15\$00 — Ano 30\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 19\$50, — Ano 39\$00.

Redação, administração e oficinas: — Rua do Seculo, 43, LISBOA

Sapataria JANUARIO

...ção e luxo em todos os generos
pelos mais chics modelos

MEIAS FINAS

78, R. de S.^{ta} Justa, 80



Corôas

Onde ha o mais chic
sortido e que mais ba-
rato vende, por ter
fabrica propria, e na

Camelia Branca
L^o D'ABEGOARIA, 30
rua (Chiado) - Tel. 3270

Crown Ribbon and Carbon Mfg. Co.

Máquinas de escrever,
accessorios e officinas de reparações

Preços resumidissimos

Vende J. Anão & C.^a L.^{da}

R. Nova do Almada, 6. 2.^o

Telefone 2536

LISBOA

Maquinas e Acessorios

Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Fedir preços, orçamentos a

C. STFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

PHONOLAS — PIANOS TRIPHONOLAS

(DA CELEBRE CASA LUDWIG HUPFELD, DE LEIPZIG)

Os auto-pianos da grande marca PHONOLA, conhecidos ha muitos anos no nosso paiz como os mais aperfeiçoados e duradouros, só são incorporados em pianos ALEMÃES de PRIMEIRA CATEGORIA.

A TRIPHONOLA, que pode ser acionada por pedaes ou eletricamente, representa a congregação de todos os aperfeiçoamentos conhecidos, e é um instrumento de

ABSOLUTA PERFEIÇÃO ARTISTICA

REPRESENTANTE GERAL EM PORTUGAL:

VALENTIM DE CARVALHO

Rua d'Assumpção, 39

LISBOA

TELEFONE CENTRAL 4282

ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



D. MAMIA ROQUE GAMEIRO,
UMA DAS MAIS ILUSTRES PINTORAS MODERNISTAS
DA NOVA GERAÇÃO

DUAS ACTRIZES

AIDA RODRIGUES, Maria Côrte Real, duas mocidades que o Politeama não desdenhou, que o Politeama contratou para que espalhassem alegria ás mãos cheias no ambiente melancolico do palco, são mais do que duas actrizes, dois motivos felizes de decoração, dois remates de scenario, duas flôres estilizadas sobre o claro-escuro dos velhos padrões da scena.

Alda Rodrigues, Maria Côrte Real, com os seus 20 anos que ainda não precisam de maquiagem, conseguem, quanto mais não seja, entreter os olhos, desviar o pensamento do enredo da peça em que se estrearam, essa velha peça de velhos preconceitos, que já não se entende, que já não tem razão de ser neste seculo, que é exactamente um «fim de raça», Alda Rodrigues com os seus olhos castanhos, olhos sem segundo sentido, consegue imediatamente tornar-se simpatica á plateia. As suas mãos que ainda não sabem pousar, que lembram duas aves ensaiando os primeiros vôos, pedem tão claramente um amparo, que o publico estende-lhes as mãos num gesto de protecção que se traduz em aplausos.

Alda Rodrigues tem uma qualidade rarissima nas «ingenuas» do teatro—é realmente ingenua.—Tão ingenua que ainda não sabe que, aos olhos malevolos do publico a ingenuidade é quasi sempre «gaulcherie»

Maria Côrte Real, uma belesa e um nome de cartaz, é mais espectacular, mais figura de primeiro plano. Também não sabe ainda onde ha-de pôr as mãos. Mas adivinha-se que depressa ha-de aprender o gesto de afagar joias, o gesto de atrair a plateia com a pericia dum magnetisador... Tem na «Raça» um papel de condessa que não interpretou com verdade. Maria Côrte Real, para condessa de nobre sangue, tem olhos demais, uns olhos inquietos, inquietantes, que existem para caprichos e perversidade de que nunca seria capaz aquela condessa que lhe coube em sorte.

No entanto, noutros papeis, será capaz de fazer mais e muito melhor.

Para que ambas triunfem basta que lhes dêem papeis de acôrdo com os seus olhos—espelhos das suas almas... Alda Rodrigues tem os olhos ternos, simples, olhos que vêem bem, olhos que sabem a violetas. Os de Maria Côrte Real sabem a cravos vermelhos, usam lentes de grande alcance, lembram fogos de artifício em noites de folia...

FERNANDA
DE
CASTRO

DISCUTIA-SE animadamente a influencia da mulher na arte contemporânea.

A tarde era calma. O sol agonisava em beleza.—Dois artistas de talento—dois novos um pouco desnorreados, a proposito de pintura falavam dos seus modelos.

O assunto desenvolvia-se em «boutades» e paradoxos.

Um dos artistas, o mais profano, mudou o rumo da conversa. Os olhos profundos d'uma das nossas pintoras, interessavam-n'o mais do que a sua arte. tem uns olhos pretos, noturnos; o mais lindo sonho das mil e uma noites...

Alguem discordou:

—Comtudo não se pode dizer que seja bonita...

Responde o artista:

—«Elle n'este pas belle, elle est pire!...»

Ah, sim, perfeitamente... concluiu uma senhora loira que ao lado manchava de luz o marroquim d'um mapple—Ela não é bela, ela é pires...

TODA a gente sabe a importancia que o portuguezinho liga a tudo o que lembre medalha, condecoração, ou coisa semelhante. O portuguez tem a mania do distintivo.

Em pequeno, ainda no collegio, faz-se presidente de todas as associações que exijam fitinha na lapela. No liceu entra para todos os clubs de foot-ball. Aos 18 anos tem o ideal de ser alferes ou guarda-marinha. Mais tarde entra para a Sociedade Protectora dos Animais. E finalmente, quanto mais não seja, restalhe o recurso da Propaganda de Portugal.

Z..., homem de elevada categoria, amigo intimo de todos os ministros, não resiste a este «fraco» nacional.

Tambem gosta do distintivo.

Ha tempos entrou em casa, radiante.

—Dêem-me os parabens. Acabo de receber o Cordão da Ordem do Santo Sepulcro.

—«Graças!—rematou a mulher—não tinhas onde cair morto...»

NUMA casa de antiguidades, á hora em que o poente tinge de sombras a luz dos velhos damascos.

Sobre um tremó autentico, um candelabro de muitas velas.

Um vago perfume de sândalo e incenso sobe das sedas desdobradas.

O nosso amigo F... cada vez mais rico e mais frequentador do «bric-à-brac», com aquele anel de sempre a valorisar-lhe o dedo, observa cuidadosamente umas chicharas preciosas, velhas como o mundo.

—Então freguês não se decide?—São lindas, são boas, são baratas...

—Pois sim, mas não são perfeitas...—remata F... olhando com pena as chicharas ali colocadas ao acaso. Repare que nem todas tem a aza do mesmo lado.

NA SOCIEDADE NACIONAL DAS BELAS ARTES. UM dos novos socios, irreverente e moderno, visita demoradamente a exposição. Nada lhe agrada, nada o satisfaz. Detem-se finalmente junto dum quadro—o quadro da marcação do bilhar...

—Ora até que emfim...—comenta, satisfeito—Aqui está um quadro moderno, um quadro com bastante movimento...

TEATROS GATO POR LEBRE



EU admiro Eduardo Schwalbach. Ele soube dar expressão á graça portugueza, conceituosa e pesada. Desta vez porem deu-nos «gato por lebre»...

HENRIQUE Alves no João Ninguem faz todos os esforços por parecer alguém. Ao fim de

muito trabalho consegue parecer-se com ele proprio...

DORA Vieira é bastante feliz na "boneca de trapos". Qual é, no entanto, a mulher que não consegue ir bem nesse papel?

NESTA revista ha coristas portuguesas com muita vontade de ser belgas. Gato por lebre...

EDUARDO Schwalbach tem a mania de pôr saias aos nossos politicos. Qualquer dia os politicos, por vingança, pregam-lhe umas calças...

O actor **Alvaro Pereira** é uma edição do actor **Nascimento Fernandes**, uma edição correcta sem ser aumentada. O seu maior triunfo é este: quando nós vemos o **Nascimento Fernandes** autenticos, temos saudades do **Nascimento Fernandes** caricatura...



Desenhos de Bernardo Marques

A revista portuguesa tende a desnacionalisar-se. O proprio Schwalbach já desistiu de nos dar lições de historia nas suas revistas.

O publico já não vai com historias... Parodiando uma frase celebre de Oliveira Martins o futuro da revista portuguesa está na sua desnacionalisação...

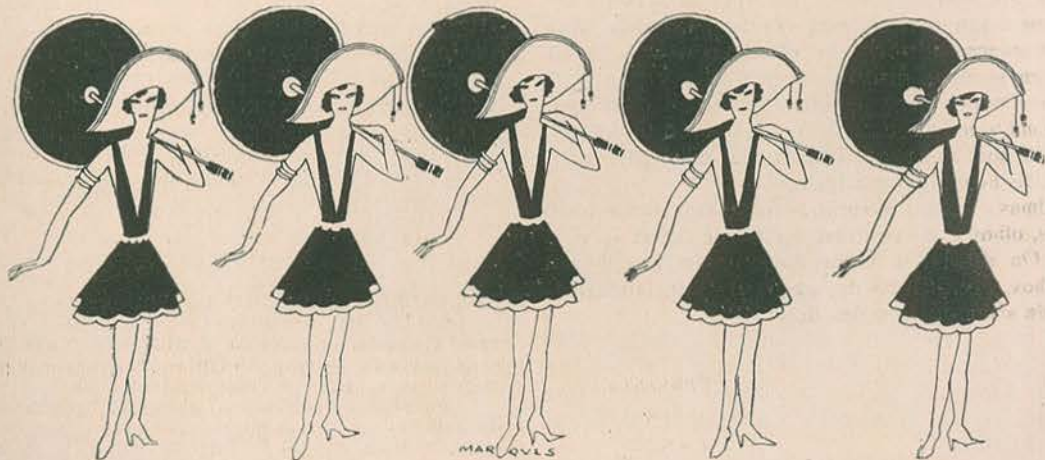
A revista é o alcool das plateias. Os publicos conhecem-se nas revistas como certas pessoas se conhecem quando estão embriagadas. Diz-me do que te ris e dir-me-ás quem és...

EDUARDO Schwalbach tem um grande fraco pelos personagens simbolicas, á moda vicentina. É um trabalho inutil. O publico "há"o" quer simbolos, quer corpos...

OS nossos artistas são tão inofensivos, tão pouco felinos, que a revista "Gato por lebre" podia chamar-se "Lebre por gato"...

AS actrises portuguesas de revista parecem-se todas umas com as outras, como recrutas. Não ha maneira de fixar uma expressão, de recordar um perfil. Têm a deselegancia dos «couplets» escritos á força para meter na musica...

TIRA
LINHAS



A ENTREVISTA DA SEMANA



ESTER LEÃO

PENSEI sempre que a entrevista com Esther Leão era um assunto magro —magro por mim, magro por ela, magro pelo interesse do publico.

Mas afinal de contas a interprete torturada da «Maria Isabel» vale até como substancioso «suget» desta literatura de pó de arros e de modas, que em França ou na America, nas paginas aveludadas do «Vogue» toma corpo de arte e de espirito e se perfume vagamente de perfumes caros e que depois em Portugal, no diario febril e rapido, no borrão do jornal, se democratiza sordidamente e c eira sem sofismas a sabonete barato.

Esther Eusebio Leão, com o seu nome todo democratico e revolucionario e com a sua alma toda, Maria Antonieta em oração, figurita debil e flexuosa, muito «roge de théâtre», muito «beauté des ongles».

Esther Leão daria mesmo indistinctamente uma heroína pensativa e sensual de Bataille ou uma mulher estilizada e comovida de certos e paradoxais romances da agonia do ultraromantismo.

Esther Leão é elegante e é daquelas poucas mulheres que tornam elegante tudo á sua volta, d'aquelas mulheres que vivem mais da graça e da e do «charume» que da pálida pureza das linhas ou da perturbante ondulação dos ritmos daquelas mulheres que vivem, passam e deixam de si uma fulguração rapida de encanto, de encanto que se não fixa, que quasi não resiste á analise, que não comove ás vezes mais que um minuto, que não delira mais do que um instante, mas que pode estontear para sempre, como certas luzes rapidas que cruzam cegamente.

O traço da sua vida é a sua elegancia.

Elegancia na arte e elegancia na vida.

A elegancia na vida custa muito...

A moral moderna é gorda, baixa um pouco corcunda e usa saltos tortos...

E' a moral burguesa, a moral de cara lavada e cabelo arripiado, a moral sem «rougé», a moral se não pinta e que não fuma, a moral que encaderna «Calette» na capa da Biblia Sagrada...

E é esta moral a tortura da elegancia de

Ester Leão e de todas as mulheres que vivem pela alma e pelo sentimento, divinizando pelo fogo do seu amor e da sua arte a propria vida.

Esse mesmo fio de escandalo que envolveu como uma teia e enleou durante tanto tempo os seus passos na vida, não é mais ainda do que uma conducta cheia de uma especial e altiva independencia moral, um pouco desafiante, mas nobre pela franqueza humana que a dirige.

E' preciso focar esse temperamento como como o duma excepcional situação de artista e de mulher, transbordando de affectividade e

vistas não são positivamente reclamos teatrais... Ibsen, os dramaturgos nordicos, as tragédias de Shakespeare... mas disse-se o que toda a gente sabe, e disseram-se coisas encantadoras, que valeram mais pelo encanto de quem as disse e pelo ambiente em que se disseram do que por elas proprias.

De resto, para que inventar frases elegantes para a boca de Ester Leão? Para que crear uma Ester Leão para as entrevistas, quando ela, todas as noites se deixa entrevista pela multidão em pleno palco do Sá da Bandeira?



Ester Leão é daquelas poucas mulheres que tornam elegante tudo quanto as cerca

de ternura, duma rara «elite» de mulheres que vivem a vida atravez de tudo, ultrapassando-se a si mesmas, chegando mais perto de Deus e do infinito, pelo sacrificio, pela desgraça, pelo heroismo—Joanas d'Arc do amor...

Mas eu tenho de entrevistar Ester Leão... e o verdadeiro entrevistado ainda sou eu—Sou eu que falo dela, quando era ela que devia falar de todas as coisas.

E no final ela falou tanto...

A sua conversa foi tão intercedida de pensamentos, tão original, tão flutuante de imagens, de bizarras de concepções...

Falou-se de teatro? Falou, mas estas entre-

Intimidades? Ah Sim! As intimidades de certas senhoras são as unicas coisas dignas de serem proclamadas. As suas intimidades, as suas futilidades, os seus caprichos de «boudoir», essas sim, essas valem como uma psicologia.

As suas «caixas», as suas caixinhas, as suas bocetas, os seus estojos,—de tartaruga, de ouro, de esmalte, de prata, de ebano, de laca, de marfim, de bronze, transparentes, luminosos, translucidos, a sua coleção imensa de coisas minúsculas, de coisas preciosas, de coisas futeis, falam como um livro da ternura da sua alma.

O seu telefone. . . Ah! o seu telefone. . .

Ai está uma intimidade preciosa, uma intimidade flagrante.

Um telefone e sempre um misterio. Na lista é um numero—um numero incolor, inexpressivo, que não diz nada — uma estação. Central-Norte. Quando se pede um numero

casa, que tem um fio enorme e compridissimo, (inverosimil de comprimento), que anda a-traz da dona, fiel rasteiro, humilde, quasi canino. . .

Alem de tudo, Ester Leão é das pessoas que falam mais ao telefone. . . Falar ao telefone é uma arte. . . uma arte feminina, uma arte de Ester Leão. . .



A sua alma—Maria Antonleta em oração. . .

o telefone com que se fala pode estar num salão sumptuoso ou num escritório imundo—é sempre um telefone, e nada mais. Pois o telefone de Ester Leão, na sua casa adoravel da rua Pinheiro Chagas, nessa sua casa dos almofadões, dos cochins orientais, das lampadas gregas, das chitas antigas,—é unico. E' um telefone que está no chão, que anda por

Meus amigos, é o que lhes digo: uma entrevista «magra»—em que nem sequer ha aquele nervo de elegancia que existe nas «fausses-maigres» como Ester Leão. . . E o caso é que fico vagamente com a impressão de que fui indiscreto para não ser futil—e futil demais para não ser indiscreto.





A MANIFESTAÇÃO OPERARIA DE PROTESTO CONTRA OS GIAOLEIROS.—Os manifestantes descendo a rua Nova do Almada em direcção á Camara Municipal

O desastre de Campo de Ourique



1. O cadaver de José Caspar, encontrado nos escombros do prédio desmoronado,—2 e 3. Dois aspectos das ruínas do prédio

PORTUGAL PITORESCO



PALACIO DE CINTRA — ARCARIA DA ENTRADA PRINCIPAL

«Cliché» Alfredo Pinto (Sacavem)

UMA FESTA

DE

CARIDADE



NAS CALDAS

DA

RAINHA



1. Bração de armas dos viscondes de Sacavem
2. Um aspecto da assistência
3. Um assistente conhecido que de chapéu e barbas ficou desconhecido
4. No «cotillon». A marca dos chapéus para homem
5. Silhueta da sr.^a D. Margarida Franco dos Santos



A FESTA realizada a favor do posto de socorros dos Bombeiros Voluntarios das Caldas da Rainha, constituiu um acontecimento mundano. O jardim para esta festa foi cedido, gentilmente, pelos srs. viscondes de Sacavem. As marcas para o «cotillon», todas de um belo efeito, foram ideadas pela sr.^a D. Margarida Franco dos Santos. O «cotillon» estava organizado de forma a finalizar numa grande mascarada á 1830. Foi instituido um premio para a senhora que melhor se portasse no «cotillon». Esse premio, um guarda-sol Imperio, foi oferecido pela sr.^a D. Margarida Franco dos



Santos e ganho pela sr.^a D. Maria de Lourdes Infante da Camara.

Esta festa que foi, sem duvida alguma, a nota mais elegante da «saison», deixou gratas recordações a todos aqueles que a ela assistiram.

A «Ilustração Portuguesa» felicita os seus organizadores pela maneira brilhante como a festa correu e pelos nobres intuitos que lhe deram causa. A associação dos Bombeiros Voluntarios das Caldas da Rainha é uma pres-timosa corporação que merece bem tudo quanto se faça por ela.



Os garotos dos jornais são as gargalhadas da cidade. Lisboa ri nos seus pregões. Eles são tão precisos no Rocio, às portas dos cafés, como os pardais no Largo das Duas Igrejas, sobre as árvores... No dia em que eles desaparecessem, Lisboa deixaria de ser uma cidade alegre, deixaria de ser uma cidade faladora, uma cidade em letras gordas, uma cidade em parangonas... Os próprios jornais acabariam. Um jornal sem garoto é como um vadio sem lar, é como uma canção que não encontra uns lábios que a recebam... Os garotos dos jornais tornam os jornais garotos, emprestam-lhes mocidade, conservam-lhes a tinta fresca, dão-lhes um sabor a fruta colhida... Eu não gosto de comprar jornais nas tabacarias: ficam-me a saber-me a tabaco, a saber-me a rapé... Os jornais ganham sabor comprados aos garotos, como as uvas comidas na parreira...

O garoto dos jornais é sempre um garoto, mesmo com cabelos brancos. O gesto de vender jornais é, por si, um gesto garoto, um gesto moço, irreverente, um gesto de cinco pedrinhas... Vender um jornal é dar á lingua, é dar á lingua o mais possível, é pôr uma cidade nas ruas da amargura... Os garotos dos jornais nunca estão quietos; cirandam, circulam, parece que foram dados á luz—em rotativas... Ha garotos de jornais de todas as idades, de todos os formatos. Ha os garotos de formato reduzido, garotos de jornais em corpo 6, pontas de cigarros, beatas, que os maiores fumam, que os maiores exploram. Ha os garotos em corpo 8, os garotos propriamente ditos, treze, quatorze, quinze anos, de cabeleiras inquietas de olhos malucos, garotos de cabeçalho e fundilhos... Ha-os ainda em corpo 12, mais taludos, apregoando a «taluda», magros como elzevires, garotos que já teem opiniões politicas, que lêem sempre os jornais antes de os vender, que trazem revoluções nos olhos matinaes...

Os garotos dos jornais são bons, são generosos,

TÍPOS DE LISBOA

OS GAROTOS DOS JORNALIS



O GAROTO E O JORNAL SÃO DOIS
IRMÃOS GEMEOS, DOIS IRMÃOS
AMIGOS QUE PASSAM A
VIDA JUNTOS

garoto atrevido, despreocupado, satisfeito... Por sua vez, o garoto é um jornal, um jornal de caricaturas, feliz, bem humorado, sempre com um dito a propósito... Em conclusão, o garoto e o jornal, são dois garotos, os dois garotos da cidade, desta cidade que sem eles ficaria triste, triste como uma costureirinha que fosse encontrar, um dia, morto na gaiola, o seu canario garoto, o seu canario alegre.

António Ferro



OS DESAFIOS DE FÓOT-BALL EM PALHAVÃ



MARQUES
XXI





NOIVA

As mãos que eleva a Deus ungidamente,
Num gesto d'ôce, palida, sorrindo...
São açucênas côr de rosa abrindo,
No seu divino corpo adolescente.

Horto de rosas num vergel florindo,
A bôca tem o mesmo ar inocente
E casto, duma limpida nascente
Que a minha bôca a Deus anda pedindo...

Arfar subtil, extatico momento,
Em que o seu corpo, num deslumbramento,
Virginal, em meus braços amanhece:

Quando a alma pressente deslumbrada,
Florir da sua carne a madrugada,
E os seus olhos castanhos humedece...

AMÉRICO DURÃO

SONETO
INÉDITO

ANTONIO.

No Olimpo gracioso e distante, Ana Pavlowa seria, como foi Leda, enamorada do Cisne, e dela se enamoraria o Cisne divino. No seu corpo fluido e leve, imaterial e alado, se encarnou a elegancia do Cisne transubstanciada na espiritualidade do Ritmo.

Pavlowa é uma pena branca voando ao sabor da aragem do Som. É uma suave mancha de neve, é uma sombra vaga de bruma, é uma nota de musica que se baloiça como o éco perdido das queixas moribundas de uma harpa...

Pavlowa não se vê: ouve-se. E quando imaginamos que estamos a ouvi-la, encontramos a escutá-la.

A sua dança é um cantico. Os arabescos da sua dança são frases de melodia. Os gestos dos seus braços são poemas inéditos de Orpheo.

A «ouvi-la», todos nós nos quedamos em extase misterioso.

Foi para ela que Paderewsky compôs o seu «Minuete», porque ela é a alma do «Minuete» de Paderewsky.

Quando Ibsen esculpiu na argila fria o



ANA PAVLOWA

O CISNE DO RITMO

corpo de Anitra, e Grieg ressuscitou a sua dança lânguida, a alma de Pavlowa passava nas suas almas, animava os seus olhos e dirigia os seus dedos.

Porque Pavlowa é a encarnação da graça. Não foram as «Flores de neve» que Tchaikowsky viu caindo na paisagem gelada da «steppe» russa: foi o corpo de Pavlowa, traduzido em ritmo, que ele adivinhou em sonhos.

E toda a beleza de todos os cisnes do mundo, desde o Cisne de Leda, olimpico e perfeito, até aos Cisnes de Lohengrin, heraldicos e imperiais, esperou pela Pavlowa, pa-

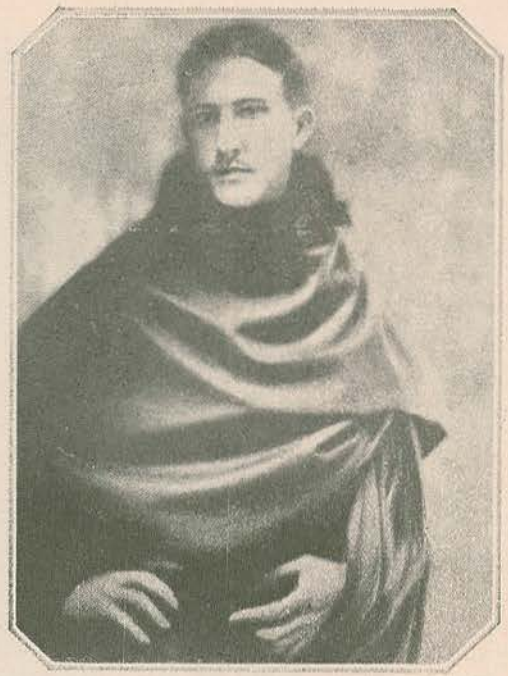
ra ser grandiosamente, impressionantemente bela.

Essa beleza era eterna, mas não era divina: foi a Pavlowa que a divinisou.

Quando ouvimos a Pavlowa — porque a Pavlowa não se vê: ouve-se e escuta-se — quando ouvimos a Pavlowa dizer-nos, na linguagem imaterial dos seus gestos, o segredo mago do seu Ritmo, somos almas espectrais absorvidas na sugestão morfínica da sua linha alada. Pavlowa não anda: vòa. Porque os seus passos tem o ruflar harmo-



Ana Pavlova, na «Libellule»



Stowitz, primeiro artista da companhia de Ana Pavlova e scenografo notavel

nico de azas quimericas. A sua pele é arminho, e o seu olhar é macio como as aguas dos lagos encantados.

Pavlova erra, dispersa-se em cada uma das palavras belas do soneto feitiçeiro e precioso de Mallarmé, que começa assim :

Le vierge, le vivace et le bel
aujourd'hui
Va-t-il nous déchirer avec
un coup d'aile lyre
Ce lac dur oublié que haute
sous le givre
Le transparent glacier des
vois qui n'ont pas fui !

«Ouvi» a Pavlova em S. Carlos.

Foram noites misticas que marcam na minha sensibilidade eternidades lucidas.

Foram noites de uma alvura de incenso, luerentas e lacteas, como



Ana Pavlova, num dos seus mais celebres ballados

se tudo á minha volta se compôr, e só os Artistas desfizesse em folhas, que possam escutar.

brancas de rosas, e se transformasse em folhas brancas de lotus.

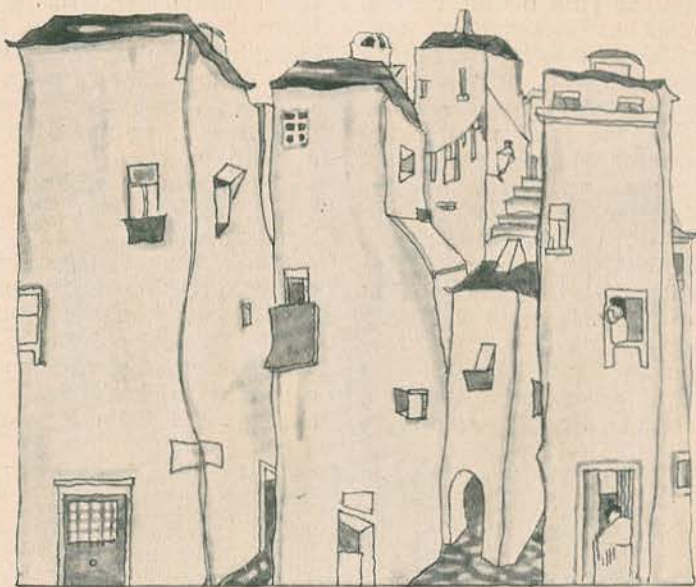
Era a paisagem alucinante das estatuas mudas e dos marmores frios. E Ela, na bruma alvarenta da minha loucura, era o fantasma errante do meu Desejo...

Eu ouvia os seus gestos, ouvia a linha do seu corpo, ouvia o flutuar dos seus braços desenhando imagens caprichosas de suaves curvas, trazendo até aos meus ouvidos a musica misteriosa que a orquestra não sabia e não podia de forma alguma traduzir.

A dança da Pavlova é um concerto sinfonico, que só ela sabe

O bairro da Mouraria é o Whitechapel da cidade de Lisboa. Mas, na imitação da frase do Eça, é somente um inofensivo Whitechapel, traduzido em giria do arresado *cockn y jondrino*. Porque a não se algum provinciano desgarrado palon-o, bem se póde a gente perder na feia dos se's bêcos sem precisão dum policia bisonho, e sem que lhe sahem engenhosamente dos bolsos a aconchegada carteira.

Comtudo a Mouraria foi desde de velhissimos tempos, e pelos tempos de hoje ainda é, o bairro mais vesgo e mais torto do Largo da Beira-Tejo. É por lá que a maré larga da cidade se e - praia e faz ressasca, uma tr'ste ressascade miseria, de lagrimas, de berros e navalhadas. Ainda por lá se acocoram em manhãs de oiro, nos portais da Rua Suja, as mesmas p-xeiras desgrenhadas do tempo do Lagarde, cantando cédulas e vidas. Por lá rondam e gingam, em noites inquietas, marujos e matulões. De vez em quando uma cantiga chorada, sobe. E — por amor — uma poça de sangue, coalha, ao luar.



A
DESCOBERTA
DE
LISBOA
No Ano de 1921
II — O BAIRRO DA MOURARIA



A rua dos Vinagres

A Mouraria é o bairro da Navalha e do Fado. E porque a navalha e o fado são motivos da Sombra e da Noite, é só de noite que a Mouraria ganha e marca a sua Fisionomia de bairro torvo. Os bairros novos do Norte, rasgados e sonoros como versos de Cesario Verde, têm a sua genuína expressão, pelas manhãs altas, quando a luz do Sol canta nas vidraças limpas, nas fachadas frescas, matina-côr de laranja. Buenos Ayres, a Graça, Santa Catarina alpendurada, espiritualizam-se, definem-se quando as tardes murcham nos longes do Rio Suave. Em Xabregas, a bica morena da Ribeira, Belem, são os bairros das madrugadas-côr de perola, quando as aguas adormecem e as estrelas morrem nos altos do ar. A Mouraria é o bairro da Noite.

Agua do rio não lhe passam perto. Nascem os dias limpidos longe nas ruas quelhas soturnas. Esfumam-se ás tardes aolargo, por detraz da massa lóbrega do casarilo. E só quando o luro pesado da sombra veste corpo e alma da cidade, é que as suas vielas hirtas ganham a sua genuína expressão, adalgando-se afun-



dando-se para o Ceu. De dia, ao sol as suas janelas embandeiradas de trapos, as suas tabernas fusca, são absolutamente semelhantes ás escadas policromas da Bica ou negros antros da Madragôa. Os electricos que a r'sgam, que sublinham constantemente a amarello das me'as tintas da Rua da Palma, que esfuracam sucessivamente o beco do Marquez d'Alegrete, levando á vida as dactilografias do Bairro Andrade e os obr'iros do Arco do Cego, emprestam-lhe côres e claridade. Porque a Mouraria

movimento, e só tem a sua fisionomia propria, só é verdadeiramente Mouraria, de Noite, noite profunda, noite velha.

... No t'opo do morro o castelo preto funda-se, cresce no ar, tapando as estrelas que se enamoram do Tejo. O rumor o bulicio a vida da terra em t'orno vae esmorecendo, vae-se apagando — de vagarinho... Depois o Silencio espalha-se, e sobe, sobe sempre, religiosamente, como sobe o fumo.

E'então que a Mouraria vive das suas saudades, que

de saudades vive tambem a noite — das saudades do Sol.

É quando todos os demais bairros da cidade se aconchegam e dormem que a Mouraria rumoreja, conversa a sua grande insónia de sempre. As vie-las amediavam-se, afilam-se, cada vez mais negras. Dos olhos das caras magrinhas, dos vasos de mangericos das trapeiras, grandes gotas d'agua pingam, na paz da noite, como lagrimas silenciosas. Depois, de repente rasga-se um palco. De duas janelas abertas, vermelhas com dois olhos pernoitados, sacodem-se risos, mo-



fas, fumos dão cigarros. Uma boina de marujo passa. E um fado, todo em jamurias, verte-se de mansinho. e de mansinho alastra como nodoa muito negra, no mata-borrão negro da noite.

E a Mouraria sonha.

Quando o Fado sobe da betesga antiga, a Mouraria sonha. Acordam-se écos perdidos, adormecidos nos recantos dos bécos. Almas evocadas, familiares, de fadistas e de loureiras mortas, acodem ao c'amamento da cantiga choramada. E vem logo a Severa, toda em-



pomadada em bandós, tamancos do Porto no bico do pé, e a saia de grande roda, toda tafu-la a bater nos acanhados muros da al-furja. E vem o Duarte Perico. E a Custodia Maria. E os Bitáculas. E toda uma roda de zoinas e de faias herois e heroínas de noitadas êrmas, vagabundos, mestres de carteiras, todos pimpões e brigantes. E o Fado arrasta-se, ondula, revira-se, como um reptíl de som correndo, escoando-se pelas congostas de-dida no coração



A entrada da rua do Capelão

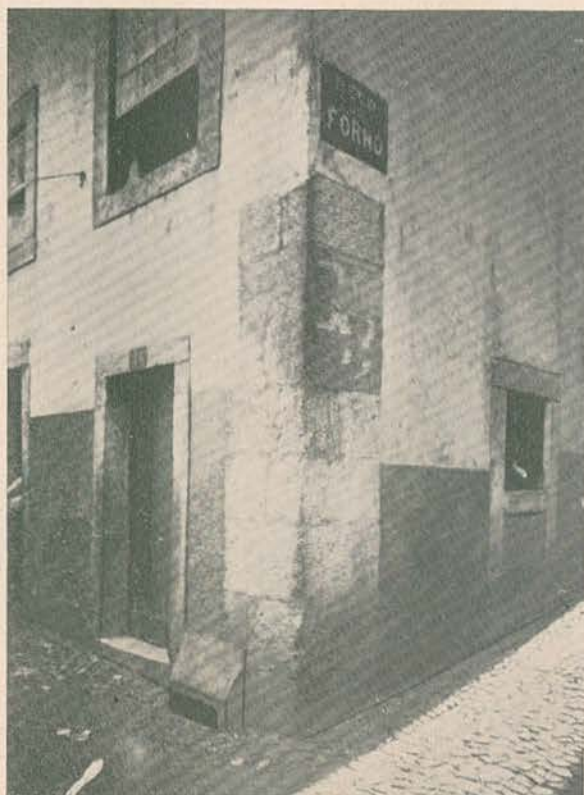
sertas. Numa torre qualquer, perda Cidade, duas ou três, horas despiam-se no ar. Agora, a guitarras, mais solurna, conta uma desgraça de todos os dias, desfazendo-se em redondilhas menores. E a farandola dos fantasmas da Mouraria aumenta, num corropio macabro de saudades sujas, passando de roldão, no galope dos «salbats», pelas quelhas e pateos, sombras rasgando a grande sombra que veste de negrume a cidade inteira. E o fado continua. E a Mouraria sonha.



Depois algures, em qualquer canto de baiuca desgarrada, um grito rasga a carne espessa da noite, agudo e frio como um gume de navalha.

Quando as navalhas cantam, a Mouraria

quieta um risco ligeiro de cinza ascenal, e escreve no céu a primeira rima da madrugada nascente. Das bandas do socorro uma tipoia esgalgada, passa de escantilhão, á brida larga, sabe-se lá para onde.



● A casa da Severa

delira. Os lampeões, ao longe, são manchas vermelhas de sangue. Um polícia tropego perde-se, some-se na escuridão macabra. Ha passos leves subtís, deslisando subitamente, levemente, nas pedras desertas das calçadas

E a Mouraria, roida pela sua grande insónia de sempre, os olhos piscos dos lampeões fechando-se de sono, vai levada pobre Severa miseravel—pelo tempo fóra, na tipoia velha da cidade, e nos braços do seu Castelo Vimioso,



esconsas. E de novo o silencio se refaz, como agua dum pantano acordado que de novo re-adormece.

Mais tarde, muito mais tarde, das colinas

a uma grande espera de toiros—á espera do toiro fulvo do Sól.

AUGUSTO PINTO

Desenhos de Bernardo Marques

«Clichés» Garcez



GRAÇA ARANHA

ESTEVE entre nós, de passagem para o Brasil, o grande escritor Graça Aranha, gloria das letras brasileiras, autor do «Chanaan» esse livro vigoroso, obra prima da literatura, livro que só por si justificaria um grande nome. O ilustre escritor acaba de editar em Paris a sua nova obra, «Estetica da Vida», destinada a ter o exito de todos os seus livros.

O Campeonato de «Tennis»



Borotra, campeão francês, vencedor do campeonato de «Tennis» realisado em Cascais



Conde de Gomar, segundo classificado
«Clichés Garcez»



A casa do sr. dr. Afonso Costa na Serra da Estrela

OS HOMENS PUBLICOS NA INTIMIDADE

O SR. DR. AFONSO COSTA

NA SERRA DA ESTRELA

O sr. dr. Afonso Costa é, sem duvida alguma, um dos homens publicos mais discutidos que ha em Portugal. A *Ilustração Portuguesa*, alheia a todas as opiniões politicas, encontra-se muito longe de todas as discussões que envolvam o sr. dr. Afonso Costa ou qualquer outro homem publico. De qualquer acontecimento ou de qualquer figura procura, apenas, tirar o maximo partido grafico. É esse o seu papel de *magazine*, é esse o seu dever.

Ha alguns anos que o sr. dr. Afonso Costa só vem a Portugal — para ir à serra... O que o leva até lá, que atractivos a serra lhe oferece? São perguntas que, certamente, tem sido formuladas frequentes vezes.

A essas perguntas responde hoje a *Ilustração Portuguesa* com a publicação de quatro fotografias ineditas, onde o sr. dr. Afonso Costa é surpreendido na sua intimidade, um Afonso Costa para uso da familia, um Afonso Costa de trazer por casa... Como se verifica, o sr. dr. Afonso Costa tem habitos patriarcaes,

habitos caseiros. Dos conselhos de ministros ficou-lhe o costume de reunir todos os seus, à volta da mesa, em conselho de família...

O sr. dr. Afonso Costa lê, com frequencia, o *Temps*. E' certo, porém, que nunca se deu ao trabalho de ler o *Tempo*... Consta mesmo que o sr. dr. Afonso Costa tem conhecimento do que se passa no seu país, através dos

lembramos mesmo de que eles tenham uma casa... Quando algum dia nos resolvemos a espreita-los, ao buraco da fechadura, ficamos surpreendidos de os ver na tranquilidade dos seus lares, sem gestos, sem atitudes, sem teatralidade...

Quem reconhece neste Afonso Costa caseiro, despreocupado, chefe de família, o Afonso Costa, homem publico, espectacularo,



Ilustração

Portuguesa

O sr. dr. Afonso Costa, Jardineiro

jornais estrangeiros. Os jornais portuguezes falam demais no seu nome. E' natural que modestamente, ele os não queira ler...

E' curioso surpreender o contraste que ha, por vezes, entre a vida publica dum homem e a sua vida privada.

Habitua-mo-nos tanto a encontrar os homens publicos nas ruas, nos comícios, nos centros, nos ministerios, que quasi os não concebemos em casa, que não nos

chefe do governo? Dir-se-ia que lhe falta o guarda-roupa, dir-se-ia que não está caracterizado...

Aquele proprio *Temps*, na presidencia do ministerio, seria o *Mundo*... O sr. dr. Afonso Costa quando lhe falta o tempo, tem o mundo nas mãos...

As belas fotografias que hoje reproduzimos, foram cedidas pelo sr. Ramos de Paiva, um



O sr. dr. Afonso Costa em Conselho de Família

grande amigo do sr. dr. Afonso Costa. Agradecemos imenso ao nosso ilustre colaborador ter escolhido a *Ilustração Portuguesa* para arquivar os curiosos documentos gra-

vidas sobre a vida tranquila, sobre a vida sem remorsos do sr. dr. Afonso Costa, não haverá ninguém que, de boa fé, possa duvidar das boas intenções do discutido estadista



O sr. dr. Afonso Costa, com sua mulher, seus filhos e seu genro

ficos que tanta luz fazem sobre a vida do sr. dr. Afonso Costa na Serra da Estrela.

Após estas fotografias que não deixam du-

Sua Ex.^ª, se a fotografia não engana, está tão longe dos cinquenta milhões de *dollars* — como esteve Portugal...

NO INSTITUTO FEMININO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO, EM ODIVELAS

Um grupo de alunas e professoras.
Fotografia tirada por ocasião da festa
com que se solenizou a abertura do
novo ano escolar



Alunas em passeio no claustro do silêncio



O sr. major Guimarães conversando com as novas alunas

NO INSTITUTO PROFISSIONAL DOS PUPILOS DO EXERCITO



O novo ano lectivo nos institutos do
Estado. Os alunos admitidos no Instituto
Profissional dos Pupilos do Exército,
posando para a "Ilustração Portuguesa"